

MENS SANA IN CORPORE MUTATIO: A IMAGEM CORPORAL DE MULHERES TRANS PARA ALÉM DO EXERCÍCIO FÍSICO*

José Climério de Moura Ferreira

jclimerio@gmail.com

Gabriel Frazão Silva Pedrosa

gabrielpsf@yahoo.com.br

Rafael Marques Garcia

rafa.mgarcia@hotmail.com

Erik Giuseppe Barbosa Pereira

egiuseppe@eefd.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Objetivamos compreender a relação entre a percepção da imagem corporal e a prática de exercício físico por mulheres transexuais. De cunho qualitativo e descritivo de campo, realizamos entrevistas analisadas pela análise de conteúdo. Em razão da discriminação social, existem obstáculos sociais à prática de exercícios físicos às mulheres transexuais, os quais interferem na interpretação da sua imagem corporal e refletem diretamente nas maneiras de lidar com seu corpo.

PALAVRAS-CHAVE

imagem corporal; pessoas transgênero; exercício

INTRODUÇÃO

“Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela que eu?” Esse questionamento sugere uma discussão sobre o reflexo de luzes observado do corpo materializado e aquele idealizado na mente, pois ao longo da história, a pessoa demonstrou o anseio por modificações em seu corpo e como um ser socializado, ela busca, de alguma forma, moldar-se para preencher requisitos exigidos a cultura a qual pertence. Apesar de receberem luz, nem todos os corpos existem de fato e se parecem existir, são ignorados. De qual corpo falamos? Daquele que luta há anos para frequentar os mesmos espaços que qualquer cidadão/ã: o corpo transexual.

* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Antes do nascimento, as pessoas vivenciam as demandas do “ser homem” e do “ser mulher” e aquelas que não se encontram neste modelo binário, são reconhecidos como desviantes das normas compreendidas por naturais (SEFFNER, 2013). A estruturação da pessoa trans sugere um mecanismo de construção que rompe as convenções e se ressignificam dentro de um esquema de poder (BENTO, 2017). A identificação trans subverte os espaços psíquicos e confronta a heteronormatividade, além de uma possibilidade original do gênero e um símbolo de que o corpo é uma forma a ser transformada (BUTLER, 2015).

Entre forças de poder e dominação, esses corpos são sujeitos a complexos sistemas políticos (FOUCAULT, 2010). Na busca entre a integração do corpo e a identificação de gênero, a pessoa poderá recorrer a meios para modificar sua imagem corporal, a qual é definida por Schilder (1980) como a figuração formada na mente a respeito do corpo.

A prática de exercícios físicos pode ser um recurso para modificação de pessoas insatisfeitas com a própria imagem (DAMASCENO *et al.*, 2006) e de acordo com Zamai *et al.* (2008) os exercícios físicos atuam no reforço da autoestima, relacionada a uma melhor imagem corporal.

Nesse sentido, nosso estudo emerge como contributo para o campo acadêmico, profissional e social, além da reflexão de ações contra discriminação, preconceito e violência. Temos por estudo, portanto, compreender a relação entre a percepção da imagem corporal e a prática de exercício físico por mulheres transexuais, norteados pela seguinte questão: qual a relação possível entre essa interlocução de exercício físico praticado por mulheres trans em sua imagem corporal?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva de campo e de natureza qualitativa (TRIVIÑOS, 2015). As participantes do estudo foram organizadas a partir de amostragem não-probabilística autogerada (bola de neve). O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista gravada com roteiro semiestruturado realizada após assinatura de TCLE. A análise de dados foi realizada por meio do conteúdo de 12 entrevistadas com idades entre 18 e 28 anos, moradoras da cidade do Rio de Janeiro e Niterói/RJ. Os critérios de inclusão foram: apresentar-se socialmente como transexual, ser maior de 18 anos, praticar exercício físico, além de aceitar as condições da pesquisa, formalizada mediante consentimento. As entrevistas gravadas foram transcritas, editadas e analisadas pela técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016) de acordo com as categorias: Em busca de uma beleza social; medicalizando o corpo; estigmas e preconceito e; as garotas *trans fitness*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

EM BUSCA DE UMA BELEZA SOCIAL

Essas vidas esbarram na discriminação e no preconceito da sociedade, são objetificadas e excluídas por subverterem as normas políticas dos corpos. Não corresponder ao idealizado como ser feminino, ou seja, não ser passável, corresponde a negação da legitimidade de sua existência, em razão da incoerência às normas impostas ao corpo, como constata-se:

É uma triste realidade, mas de fato é verdade sim. [...] quão mais próximo de uma passabilidade cis as pessoas me leem [...] a forma delas me tratarem, de se relacionarem comigo, nos ambientes sociais, muda totalmente (G., diário 7, p. 14).

Para ser bela, diversas alternativas são implementadas, desde o uso de vestimentas e adornos às demais tecnologias para aproximar o corpo do compreendido como belo, como exercícios físicos, ação medicamentosa e cirurgia plástica.

Inúmeras questões buscam solucionar incertezas, e não raro, referências, planos e novos caminhos surgem adversos àqueles determinados pela sociedade. O corpo rebelar-se contra o regime político



compulsório, dando liberdade a um novo ser em constante processo de evolução. Esse corpo ressignifica o biopoder agregando ou expelindo referências no intuito de atribuir um novo sentido ao eu, pois “nossa imagem corporal nunca está isolada. Pelo contrário, está acompanhada pelas imagens corporais dos outros” (SCHILDER, 1980, p. 209).

MEDICALIZANDO O CORPO

A terapia hormonal é uma experiência comum para todas participantes e baseia-se no uso de estrogênio e/ou antiandrogênios para alteração da distribuição de gordura corpórea, formação de mamas, entre outros. Essas mulheres experimentam em seus corpos a ação de drogas administradas sem acompanhamento especializado, como verificado:

Eu perdi força. O hormônio impede muito a força. Você quer subir numa coisa e não tem força. Às vezes pra você levantar da cama, a barriga dói. Porque quando você começa a tomar, você sente dor na barriga. (D., diário 3, p. 6).

Os efeitos da terapia hormonal parecem mais acentuados nas participantes de alto desempenho físico, além disso, a carência de serviços de saúde à população trans, desde aquela que habita os grandes centros urbanos aos menos desenvolvidos, é uma realidade que colabora para a automedicação e os riscos inerentes do uso indiscriminado dessas substâncias.

ESTIGMAS E PRECONCEITO

A pergunta “você já sofreu algum preconceito ou agressão?” possui respostas óbvias, haja vista o alto índice de assassinatos e tão pouca expectativa de vida de pessoas trans. Os índices podem ser ainda maiores, em razão da subnotificação e por não haver um registro de dados oficial (BENEVIDES, 2018).

Compreendemos que a inserção do preconceito, ainda na infância, acompanha a vivência das entrevistadas, que inseguras, mostram-se desmotivadas, ainda no ambiente escolar, o que prejudica o acesso ao mercado de trabalho e demais relações sociais, como relatado:

Preconceito sim, desde pequena. Por você ser o que é, seu jeito de andar... Você vai num emprego, só da pessoa olhar pra tua cara, a gente já sente... de manhã, tu abre o olho já com preconceito e vai dormir com preconceito (T., diário 2, p. 4).

Preservar a imagem corporal do/a outro/a é em si, um valor ético (SCHILDER, 1980). É preciso refletir a desconstrução dos sentimentos que nos distanciam da compreensão de ser humano.

AS GAROTAS TRANS FITNESS

Além de ações na melhoria da qualidade de vida, os exercícios físicos mostraram-se um recurso coadjuvante à terapia hormonal. Sobretudo é necessário refletir as razões que as desencorajam, tais como: violência, preconceito e discriminação. Assim, realizar uma corrida, na orla ou em um parque, por exemplo, pode significar mais um momento de violência e risco à vida que, em razão do exposto, é uma vítima em potencial.

A objetificação do feminino é verificada por meio do assédio praticado, inclusive, por profissionais de Educação Física, o que exige medidas urgentes, como denunciado:

[...] uma situação desagradável com professor que eu já passei foi com questão de assédio. [...] Então, sempre acontece. Sempre tem um ou outro que não respeita, que acha que com a gente é tudo mais fácil. Que acaba encostando a mão aonde não deve na hora de ajudar no exercício. A mão acaba escorregando um pouquinho... (Ártemis, diário 12, p. 25).

Compreende-se que a imagem corporal é um complexo envolvido por diversos atributos e que deve ser contemplado em seu íntimo e não apenas em sua porção estática. À luz de Butler (2015) e Bento



(2017), a carência de mulheres trans ocupando espaços de esporte e lazer pôde ser notada em razão do sentimento de não pertencimento àquele ambiente, em razão do preconceito e marginalização compelidos pela normatização de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das hipóteses iniciais do processo investigativo, foi constatado que as substâncias usadas na terapia hormonal geram efeitos impactantes na construção da imagem corporal idealizada de acordo com padrões culturais. Essas substâncias provocam reações adversas, que comprometem a *performance* das participantes de alto desempenho físico.

A prática de exercícios físicos apresenta obstáculos em razão da discriminação imposta pela sociedade. Elas, entretanto, ressignificam a opressão em resistência, ocupam espaços e ampliam seu território. Por fim, os exercícios favorecem a materialização da imagem idealizada e que se reflete em seu corpo físico. A imagem corporal é única e possui profundas reflexões que compõem o ser social o qual, atribui e doa parte de si para o mundo. Se existem pessoas mais belas, o espelho não poderá responder, a não ser, exibir aquela que é refletida por todas as luzes.

MENS SANA IN CORPORE MUTATIO: THE BODY IMAGE OF TRANS WOMEN BEYOND PHYSICAL EXERCISE

ABSTRACT

We aim to understand the relationship between the perception of the body image and the practice of physical exercise by transsexual women. The research was qualitative and descriptive field, where through interviews, we analyzed them by content analysis. Because of social discrimination, there are social obstacles to physical exercise for transsexual women, which interfere with the interpretation of their body image and reflect directly on the ways of dealing with their body.

KEYWORDS: *body image; transgender persons; exercise.*

MENS SANA IN CORPORE MUTATIO: LA IMAGEN CORPORAL DE MUJERES TRANS ADEMÁS DEL EJERCICIO FÍSICO

RESUMEN

Objetivamos comprender la relación entre la percepción de la imagen corporal y la práctica de ejercicio físico por mujeres transexuales. La pesquisa es cualitativa y descriptiva de campo, donde analizadas entrevistas por el análisis de contenido. En razón de la discriminación social, existen obstáculos sociales a la práctica de ejercicios físicos a las mujeres transexuales, que interfieren en la interpretación de su imagen corporal y reflejan directamente en las maneras de lidiar con su cuerpo.

PALABRAS CLAVES: *imagen corporal; personas transgénero; ejercicio.*



REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENEVIDES, B. *Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017*. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. 2018. Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2018.
- BENTO, B. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DAMASCENO, V. O. et al. Imagem corporal e corpo ideal. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 14, n. 2, p. 81-94, 2006.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SCHILDER, P. *A Imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. Tradução de Rosanne Wertman. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- SEFFNER, F. Diga-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime de heteronormatividade no espaço escolar. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, 2013.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2015.
- ZAMAI, C. A. et al. Estudo dos fatores de risco para o conhecimento de doenças crônicas não transmissíveis entre funcionários. *Revista Conexões*, v. 6, n. 1, 2008.

